

«Por favor, não sejais bispos a prazo fixo, que precisam de mudar de endereço, constantemente, como aqueles medicamentos que perdem a capacidade de curar, ou como aqueles insípidos alimentos que deitamos ao lixo, por já se terem tornado inúteis (cf. Mt 5,13)» admoesta o papa Francisco, em discurso proferido perante os bispos nomeados, no decurso deste ano, participantes da reunião promovida pela Congregação para os Bispos e pela Congregação para as Igrejas Orientais. O discurso vem publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, 18-09-2014.

Segundo o Papa, **«a vossa vocação não é a de serdes conservadores de uma massa falida, mas sim guardiões da [Evangelii gaudium](#), e, portanto, não podeis ficar privados da única riqueza que, verdadeiramente, temos para oferecer, e que o mundo é incapaz de dar a si mesmo: a alegria do amor de Deus».**

E Francisco continua: **«Exorto-vos a cultivar em vós, Pais e Pastores, um tempo interior, no qual se possa encontrar espaço para os vossos sacerdotes: para os receber, acolher, escutar e conduzir. Desejaria ver-vos como bispos localizáveis, não pela quantidade dos meios de comunicação ao vosso dispor, mas pelo espaço interior que disponibilizais, para o acolhimento das pessoas com as suas necessidades concretas, oferecendo-lhes o ensinamento da Igreja, em toda a sua inteireza e amplitude, e não um catálogo de nostalgias».**

«Vejo em vós as sentinelas, - diz o Papa - capazes de despertar as vossas Igrejas, levantando-vos antes do alvorecer e no meio da noite para reacender a fé, a esperança, a caridade; sem vos deixardes entorpecer ou conformar com o lamento nostálgico de um passado fecundo, mas já ultrapassado».

o bispo segundo Francisco

Eis o discurso do Papa Francisco

Caros Irmãos,

Estou contente por me encontrar, agora, pessoalmente convosco, porque na verdade devo dizer que, de alguma maneira, já vos conhecia. Há pouco tempo que me fostes apresentados pela [Congregação para os Bispos](#) ou pela das Igrejas Orientais. Sois o resultado de um trabalho assíduo e da incansável prece da Igreja que, quando tem de escolher os seus Pastores, procura reviver aquela noite passada pelo Senhor sobre o monte, na presença de seu Pai, antes de chamar aqueles que quis que ficassem com Ele, para serem enviados ao mundo.

Agradeço, portanto, nas pessoas dos Senhores Cardeais [Ouellet](#) e [Sandri](#), a todos aqueles que contribuíram para a preparação da vossa escolha como Bispos, e se disponibilizaram para organizar estas jornadas, verdadeiramente fecundas, nas quais podeis desfrutar a alegria de vos sentirdes Bispos não isolados, mas em comunhão, de sentirdes a responsabilidade do ministério episcopal, e a solicitude por toda a Igreja de Deus.

Conheço o vosso curriculum e nutro grandes esperanças nas vossas potencialidades. Após ter-vos conhecido através de cartas, e de ter ouvido falar de vós, posso agora, pessoalmente, auscultar o vosso coração, e fixar o meu olhar sobre cada um dos presentes, para observar as enormes esperanças pastorais que Cristo e a sua Igreja colocam em vós. É belo ver refletido nos vossos rostos o mistério de cada um, e poder ler quanto Cristo em vós inscreveu. É consolador poder constatar que Deus nunca deixa que faltem à sua Esposa os Pastores segundo o seu coração.

Caros Irmãos, o nosso encontro volta-se para o início do vosso caminho episcopal. Já passou o estupor suscitado pela vossa escolha; já foram superados os primeiros temores, quando o vosso nome foi pronunciado pelo Senhor; também as emoções vivenciadas na consagração se vão, agora, gradualmente, depositando na memória, e o peso da responsabilidade se vai acomodando, de algum modo, aos vossos ombros, sempre frágeis, todavia. O óleo do Espírito, vertido sobre a vossa cabeça, ainda exala o seu perfume e, ao mesmo tempo, vai descendo sobre o corpo das Igrejas a vós confiadas pelo Senhor. Já experimentastes que o Evangelho, aberto sobre a vossa cabeça, se tornou casa onde se pode habitar com o Verbo de Deus; e o anel na vossa mão direita, que às vezes aperta demais, e, outras vezes, corre o risco de se soltar, possui, em todo caso, a força de soldar a vossa vida a Cristo e à sua Esposa.

Ao encontrar-vos pela primeira vez, peço-vos que jamais deis por adquirido o mistério que vos investiu, que nunca deixeis de vos espantar diante dos desígnios de Deus, nem de sentir o temor de caminhar em consciência na sua presença, e

na presença da Igreja que é, antes de tudo, Sua.

Conservai e protegei, em qualquer parte de vós, este dom recebido, evitando que se desgaste, e impedindo que se torne uma coisa vã.

Permiti que vos fale, agora, com simplicidade, sobre alguns temas que guardo no coração. Sinto o dever de recordar, aos Pastores da Igreja, o indissolúvel elo entre uma presença estável dos Bispos e o crescimento do rebanho. Toda a autêntica reforma da Igreja de Cristo começa pela presença, da de Cristo que nunca falha, mas também da dos Pastores que governam em nome de Cristo. E não se trata aqui, apenas, de uma piedosa recomendação. Quando o Pastor se oculta ou não é possível encontrá-lo, o que fica em jogo é o cuidado pastoral e a salvação das almas (*Decreto De reformatione*, do Concílio de Trento IX). Isto dizia o Concílio de Trento, e com toda a razão.

De fato, através dos Pastores que Cristo doa à Igreja, Ele mesmo ama a sua Esposa e entrega a sua vida por ela (cf. Ef 5,25-27). O amor torna semelhantes aqueles que o compartilham, já que tudo quanto é belo na Igreja vem de Cristo, mas é também verdade que a humanidade glorificada pelo Esposo não desdenhou assumir os nossos traços. Dizem que, após anos de intensa comunhão de vida e de fidelidade, também, nos casais humanos, os traços fisionómicos de ambos os esposos passam, gradualmente, de um para o outro, acabando os seus rostos por se assemelharem.

Vós estais ligados por um laço de fidelidade à Igreja que vos foi confiada, ou que sois chamados a servir. O amor pela Esposa de Cristo irá permitir que, gradualmente, possais ir imprimindo alguns dos vossos traços na sua face e, ao mesmo tempo, ir revelando em vós os traços da sua fisionomia. É o fruto da intimidade, da assiduidade, da constância, da paciência.

Não nos servem bispos, apenas, superficialmente contentes; deveis cavar em profundidade para constatar quanto o Espírito continua a inspirar a vossa Esposa. Por favor, não sejais bispos a prazo fixo, que precisam de mudar de endereço constantemente, como aqueles medicamentos que perdem a capacidade de curar, ou como aqueles insípidos alimentos que deitamos ao lixo por já se terem tornado inúteis (cf. Mt 5,13). É importante não bloquear a força saneadora que brota do íntimo do dom que recebestes, que não vos deixará cair na tentação de ir e vir sem meta, porque “nenhum vento é favorável a quem não sabe para onde vai”. E nós sabemos para onde vamos: vamos sempre para Jesus. Procuramos saber “onde Ele mora”, porque jamais se esgota a resposta dada pelo Mestre aos primeiros que o seguiram: “Vinde e vereis” (Jo 1,38-39).

Para habitardes, plenamente, nas vossas Igrejas é necessário que habiteis sempre n’Ele e que não tenteis escapar d’Ele: habitar na sua Palavra, na sua Eucaristia, nas “coisas de seu Pai” (Cf. Lc 2,49), e, sobretudo, na sua cruz. Não estar só de

passagem, mas permanecer demoradamente! Assim como permanece, inextinguivelmente, acesa a lâmpada do Tabernáculo das vossas majestosas catedrais ou das vossas humildes capelas, assim também a Grei que vos está confiada, não pode deixar de encontrar no vosso olhar a chama do Ressuscitado. Portanto, nada de bispos extintos ou pessimistas que, apoiados, apenas, sobre si mesmos e, portanto, arrastados para a obscuridade do mundo, ou resignados com o aparente desafio do bem, gritam, agora, em vão, que o fortim está a ser assaltado. A vossa vocação não é a de serdes conservadores de uma massa falida, mas sim guardiões da Evangelii gaudium, e portanto não podeis ficar privados da única riqueza que verdadeiramente temos para oferecer e que o mundo é incapaz de dar a si mesmo: a alegria do amor de Deus".

Peço-vos, além disso, que não vos deixeis iludir pela tentação de mudar o povo. Amai o povo que Deus vos confiou, mesmo quando ele tiver "cometido grandes pecados", sem vos cansardes de "subir à presença do Senhor" para obter perdão e a oportunidade de um recomeço, mesmo à custa do cancelamento de tantas das vossas falsas imagens da face divina, ou das fantasias que alimentais sobre o modo de suscitar a sua comunhão com Deus (cf. Ex 32,30-31). Aprendei com o poder humilde, mas irresistível, da substituição vicária, a única raiz da redenção.

Depois há a urgente missão nascida daquele "ver onde mora o Senhor e permanecer com Ele" (Cf. Jo 1,39). Só quem encontra, permanece e habita, adquire o fascínio e a autoridade para conduzir o mundo a Cristo (cf. Jo 1,40-42). Penso em tantas pessoas a precisarem de ser conduzidas até Ele. Nos vossos sacerdotes, em primeiro lugar. Há tantos que desistiram de procurar onde Ele habita, ou que habitam noutras latitudes existenciais, alguns, até, no submundo. Outros, esquecidos da paternidade episcopal ou, talvez, cansados de a procurar em vão, vivem como se não houvesse mais padres, ou iludem-se, pensando não ter necessidade de padres. Exorto-vos a cultivar em vós, Pais e Pastores, um tempo interior, no qual se possa encontrar espaço para os vossos sacerdotes: para os receber, acolher, escutar e conduzir. Desejaria ver-vos como bispos localizáveis, não pela quantidade dos meios de comunicação ao vosso dispor, mas pelo espaço interior que disponibilizais para o acolhimento das pessoas com as suas necessidades concretas, oferecendo-lhes o ensinamento da Igreja, em toda a sua inteireza e amplitude, e não um catálogo de nostalgias. E que esse acolhimento seja dirigido a todos sem discriminação, oferecendo a firmeza da autoridade que faz crescer, e a doçura da paternidade que gera. E, por favor, evitai cair na tentação de sacrificar a vossa liberdade, rodeando-vos de cortes, *lobbies* ou coros de consenso, já que, nos lábios do Bispo, a Igreja e o mundo têm o direito de encontrar, sempre, o Evangelho libertador.

Além disso, existe o Povo de Deus a vós confiado. Quando, no momento da vossa consagração, o nome da vossa Igreja foi proclamado, ele refletia os rostos

daqueles que Deus vos estava confiando. Este Povo necessita da vossa paciência para cuidardes dele, para o fazerdes crescer. Sei bem como este nosso mundo se transformou num deserto. Há, pois, que imitar a paciência de Moisés para guiardes os que estão ao vosso cuidado, sem medo de morreredes como exilados, mas esgotando todas as vossas energias, não em proveito próprio, mas para levar até Deus aqueles que conduzis. Nada é mais importante do que levar as pessoas ao encontro de Deus! Recomendo-vos, principalmente, os jovens e os anciãos. Os primeiros, porque são as nossas asas, e os segundos porque são as nossas raízes. Asas e raízes sem as quais não saberemos o que somos nem aonde nos dirigirmos.

No final do nosso encontro, permiti ao Sucessor de Pedro que vos olhe, profundamente, do alto do Mistério que nos une de modo irrevogável. Hoje, ao contemplar os vossos rostos, que refletem a inexaurível riqueza da Igreja difundida por toda a terra, o Bispo de Roma abraça toda a Igreja, na sua qualidade de Igreja Católica. Não é necessário recordar as particulares e dramáticas situações dos nossos dias. Quanto eu desejaria pois, que através de vós, ressoasse em toda a Igreja uma mensagem de encorajamento. Ao regressardes às vossas casas, onde quer que estas se situem, levai, por favor, a afetuosa saudação do Papa e assegurai ao povo a vós confiado que o guardo no coração.

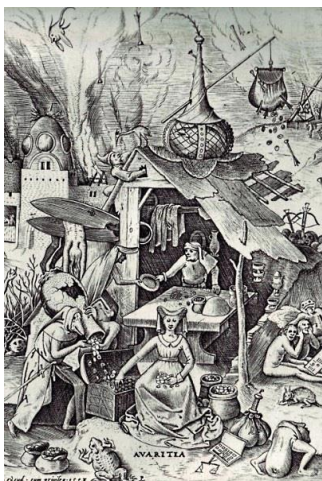
Vejo em vós as sentinelas, capazes de despertar as vossas Igrejas, levantando-vos antes do alvorecer e no meio da noite para reacender a fé, a esperança, a caridade; sem vos deixardes entorpecer ou conformar com o lamento nostálgico de um passado fecundo, mas já ultrapassado. Escavai mais profundamente, ainda, as vossas fontes, com uma coragem capaz de remover as incrustações que, porventura, terão coberto a beleza e o vigor dos vossos, peregrinos e missionários, que implantaram Igrejas e criaram civilização.

Vejo em vós homens capazes de cultivar e fazer desabrochar os campos de Deus, nos quais as jovens sementeiras esperam mãos dispostas a irrigá-las, todos os dias, na esperança de colheitas generosas.

Vejo, enfim, em vós Pastores em condições de recompor a unidade, de tecer redes, de ligar de novo, de superar a fragmentariedade. Dialogai com respeito com as grandes tradições nas quais estais inseridos, sem medo de vos perder e sem necessidade de defender as vossas fronteiras, porque a identidade da Igreja é definida pelo amor de Cristo que não conhece fronteiras. Embora mantendo, zelosamente, a paixão pela verdade, não desperdiceis energias em discórdias e confrontos, mas sim na construção e no amor.

Sentinelas, homens capazes de cuidar dos campos de Deus, pastores que caminhais à frente, no meio e atrás da vossa grei, despeço-me de todos com um abraço e desejos de fecundidade, paciência, humildade e muita prece. Obrigado.

<http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cod=82669>



Papa lamenta padres e bispos «agarrados ao dinheiro» que «em vez de servir» se servem da Igreja

O PAPA APELOU HOJE AOS BISPOS E PADRES PARA VENCEREM A TENTAÇÃO DE UMA «VIDA DUPLA», venceu que a Igreja é chamada a servir em vez de se tornar «negociante» e sublinhou que a dependência do dinheiro prejudica gravemente a comunidade católica.

Na homilia da missa a que presidiu, no Vaticano, Francisco centrou-se na primeira leitura bíblica proclamada nas Eucaristias desta sexta-feira, em que o S. Paulo recorda que deu «a conhecer plenamente o Evangelho de Cristo».

Para Francisco, o “apóstolo dos gentios «nunca se detinha para ter a vantagem de um lugar, de uma autoridade, de ser servido. Era ministro, servo para servir, não para se servir».

«Quanta alegria eu tenho, que me comove, quando nesta missa vêm alguns padres e me dizem: “Vim aqui para reencontrar os meus familiares, porque há 40 anos sou missionário na Amazônia”; ou uma irmã que diz: “Eu trabalho há 30 anos num hospital em África”. Ou quando encontro a irmãzinha que há 30, 40 anos está num hospital com os deficientes, sempre sorridente. Isto chama-se servir. Esta é a alegria da Igreja: ir além e dar a vida», acentuou.

O Evangelho de hoje, por seu lado, narra a «astúcia» de um administrador de bens **«que em vez de servir os outros, se serve dos outros».**

«Também na Igreja há pessoas assim, que em vez de servir, de pensar nos outros», acabam por «se servir da Igreja: os arrivistas, os agarrados ao dinheiro. E quantos sacerdotes e bispos temos visto assim. É triste dizê-lo, não?», disse o papa.

À **«radicalidade do Evangelho, do chamamento de Jesus Cristo a servir, a estar ao serviço, de não se deter, de ir sempre mais além, esquecendo-se de si próprio», alguns respondem com a «comodidade do estatuto»: «Eu atingi um estatuto e vivo comodamente, sem honestidade, como aqueles fariseus de que fala Jesus, que passeavam nas praças, fazendo-se ver pelos outros».**

Os trechos bíblicos desta sexta-feira sugerem a contraposição entre **«duas imagens de cristãos, duas imagens de padres, duas imagens de irmãs»,** concretizadas nos exemplos de Paulo e do administrador desonesto.

«Quando a Igreja é morna, fechada em si mesma, até negociante tantas vezes», não se pode dizer que **«seja uma Igreja que ministra, que está ao serviço, mas que se serve dos outros»,** apontou.

A figura do apóstolo dos gentios inspirou a prece com que Francisco terminou a homilia: **«Que o Senhor nos dê a graça que deu a Paulo, esse ponto de honra de ir sempre em frente, renunciando tantas vezes às próprias comodidades, e nos salve das tentações, destas tentações que, no fundo, são tentações de uma vida dupla: faço-me ver como ministro, isto é, como aquele que serve, mas no fundo sirvo-mo dos outros».**

ALESSANDRO GISOTTI / Rádio Vaticano

Trad. / edição: Rui Jorge Martins

http://www.snpcultura.org/papa_lamenta_padres_e_bispos_agarrados_ao_dinheiro.html (06.11.2015)

Quem escolhe um novo bispo?

D. Luigi Bressan, desde março de 1999 pastor da Igreja tridentina, completou 75 anos no dia 9 de fevereiro passado e, por isso, segundo as normativas em vigor desde o pós-Concílio, apresentou a sua renúncia ao Papa, que vai decidir quando irá acolhê-la e quando irá nomear o seu sucessor.

O procedimento para o mesmo caso repete-se para todas as dioceses da Igreja latina. Portanto, embora tome impulso a partir de um facto local, aqui abrimos um discurso de carácter geral.

Nos primeiros séculos do cristianismo, era o povo inteiro de batizados que escolhia o próprio bispo, que, depois, obviamente, era consagrado. Essa práxis também não era isenta de problemas, e muitas vezes surgiam contrastes entre grupos que apoiavam candidatos diferentes.

Por essa razão, pouco a pouco, o direito de escolha foi reservado ao clero e aos nobres e, depois, apenas ao clero. E, após desentendimentos entre a Cúria Romana e o império, finalmente, o Papa reservou para si o direito de nomeação – salvo exceções – para as dioceses latinas.

O **Concílio Vaticano II** exaltou o valor teológico da "Igreja local" (a diocese), mas não mudou os procedimentos de nomeação dos bispos, deixando, portanto, nas mãos do Papa um grande poder, acrescido do facto de que, no rastro do Concílio, ficou estabelecido – uma novidade absoluta na história da Igreja romana! – que cada bispo, ao completar 75 anos, apresentaria a sua renúncia ao Sumo Pontífice, que, depois, decidiria se a acolheria.

De facto, não é de todo evidente que, mesmo depois do **Vaticano II**, a "centralização" romana continue inalterada, sem restituir às Igrejas locais a responsabilidade de escolher o próprio pastor (entre o clero da diocese ou mesmo de fora, dependendo das circunstâncias e das necessidades).

Nesse sentido, o teólogo belga-brasileiro **José Comblin** escreveu: ***Não haverá mudanças de relevo na Igreja romana se não se começar com uma mudança radical do sistema de nomeação dos bispos,*** atualmente nas mãos dos núncios e, depois, da Cúria.

E como mudar? A esse respeito, circulam várias hipóteses. Por exemplo, poder-se-ia dar peso e valor aos **Conselhos de Pastoral** e **Presbiteral** da diocese, cujos membros são, de algum modo, eleitos: os dois órgãos seriam envolvidos numa escolha dentro da qual o Papa, por fim, escolheria o novo bispo.

Prosseguir na direção de envolver realmente os fiéis de modo a serem ouvidos na escolha do próprio pastor pode surpreender apenas aqueles que ignoram a história da Igreja. E os que são contra a (antiga) tradição são precisamente aqueles que negam para hoje uma práxis normal e pacífica há tantos séculos.

Portanto, seria bom se a diocese de **Trento**, que no século XVI hospedou um Concílio, abrisse, hoje um debate sobre uma questão crucial para tornar verdadeiro o **Vaticano II**, que definiu a Igreja como "povo de Deus".

A reportagem é de **LUIGI SANDRI**, foi publicada no jornal **Trentino**, em 02-03-2015.